

A influência dos *grammatici* e *rhētores* no *Corpus Hermeticum* 18 (11-16)

The influence of the 'grammatici' and 'rhētores' in the 'Corpus Hermeticum' 18 (11-16)

David Pessoa de Lira*

Resumo: O presente artigo tem como objeto e escopo o *Corpus Hermeticum* 18 (11-16), que se insere na História das Antigas Religiões Mediterrâneas e da História da Filosofia. Sendo assim, objetiva-se analisar a influência dos *grammatici* e *rhētores* nos tratados herméticos, mais estritamente no tratado supramencionado, levando em consideração sua correlação histórico-filosófica com a Segunda Sofística. Destarte, demonstra a influência dos *grammatici* e *rhētores* por meio da incidência do *aticismo*, principalmente as ocorrências dos *verba composita* ou *verba nova*, e, por último, conclui-se que o panegirista empregou os recursos retóricos *paretimológicos* como o diálogo platônico *Cratylus*. Em particular, este artigo demonstra que o estudo da retórica helenística no *Corp. Herm.* 18 abre caminhos para uma compreensão mais aprofundada das práticas literárias da Antiguidade Tardia, mostrando que a produção hermética não estava isolada das influências retóricas mais amplas de seu tempo. Por último, a presente análise da interação entre os ensinamentos herméticos e os princípios retóricos permite, portanto, uma abordagem mais abrangente sobre a transmissão e composição dos textos herméticos, ressaltando sua complexidade e sofisticação estilística. Dessa forma, a inclusão do tratado 18 no *Corpus Hermeticum* não deve ser vista apenas como um acidente editorial, mas como um reflexo da interseção entre literatura, retórica e filosofia no Egito helenístico sob domínio romano.

Abstract: This article focuses on and examines the *Corpus Hermeticum* 18, which falls within the scope of the History of Ancient Mediterranean Religions and the History of Philosophy. Thus, the objective is to analyze the influence of *grammatici* and *rhētores* on the Hermetic treatises, more specifically on the aforementioned treatise, considering its historical-philosophical correlation with the Second Sophistic. Accordingly, it demonstrates the influence of *grammatici* and *rhētores* through the presence of Atticism, particularly the occurrences of *verba composita* or *verba nova*. Finally, it concludes that the panegyrist employed rhetorical *paretymological* techniques, similar to those found in Plato's *Cratylus* dialogue. In particular, this article shows that the study of Hellenistic rhetoric in *Corp. Herm.* 18 paves the way for a deeper understanding of Late Antiquity's literary practices, revealing that Hermetic production was not isolated from the broader intellectual and rhetorical influences of its time. Lastly, this analysis of the interaction between Hermetic teachings and rhetorical principles allows for a more comprehensive approach to the transmission and composition of Hermetic texts, highlighting their complexity and stylistic sophistication. Thus, the inclusion of treatise 18 in the *Corpus Hermeticum* should not be seen merely as an editorial accident but rather as a reflection of the intersection between literature, rhetoric, and philosophy in Hellenistic Egypt under Roman rule.

Palavras-chave:

grammatici;
rhētores;
Corpus Hermeticum;
paretimologia;
Aticismo;
Segunda Sofística.

Keywords:

grammatici;
rhētores;
Corpus Hermeticum;
paretymology;
Atticism;
Second Sophistic.

Recebido em: 28/02/2025

Aprovado em: 07/05/2025

* Professor doutor da Área de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), docente permanente do PPG Letras da mesma instituição. Pesquisador em Estágio de Pós-Doutorado (04/2024-04/2025) no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit.) da FALE/ UFMG, Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais, Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Introdução

11 Mas o discurso apressa-se para conciliar o termo às origens: para o louvor do Todo-Poderoso, e então, outrossim, passar o discurso dos diviníssimos reis que são juízes de paz para nós. Pois, assim como começamos do Todo-Poderoso e das potências superiores, assim também novamente voltaremos a fazer referência ao próprio ser divino na conclusão; e assim como o Sol sendo nutriz de todas as folhagens, o mesmo, levantando-se primeiro, as primícias dos frutos recolhe, usando raios na colheita dos frutos como imensas mãos e as mãos dele, os raios colhendo primeiramente as coisas mais ambrosiais das plantas, assim, de fato, também para nós que começamos desde o Todo-Poderoso e da sabedoria dele recebemos o fluxo e usamo-lo para nossas hiperurânias plantas das almas, mais uma vez as coisas do louvor devem ser exercitadas, a partir do qual ele inundará todo nosso rebento.

12 Assim <portanto> ao Deus totalmente incontaminado e Pai de nossas almas, e diante de miríades de bocas e vozes, é conveniente ser elevado o louvor, e se não o for possível dizer em relação à dignidade, não é possível falar de coisas iguais, pois nem os recém-nascidos estando segundo a dignidade têm de cantar hinos ao pai, mas os *pais* lhes concedem decentemente as coisas segundo a potência e têm a indulgência então; e principalmente essas mesmas coisas são o reconhecimento de Deus, para que ele seja algo maior do que os engendrados dele e os proêmios, o princípio, os meios e o fim dos louvores sejam o confessar o Pai de infinita potencialidade e sem limite.

13 E, assim, também são as *coisas relativas* ao rei, pois, por natureza, a nós homens, assim como ocorrem aos descendentes dele, são possíveis as *coisas relativas* ao louvor, e deve-se pedir as *coisas relativas* à indulgência, se bem que principalmente essas acontecem antes do pedido ao pai; assim como, outrossim, não há como, por causa da fraqueza, o pai dar as costas aos recém-gerados e recém-nascidos, mas alegrar-se sobre o conhecimento, e assim também é o conhecimento do Uno, como preside a vida para todos e louvor a Deus, a qual ele nos presenteou... **14** Pois Deus é bom, existente, sempre brilhante e tendo sempre em si mesmo o limite da eterna dignidade peculiar, e sendo imortal e cercado em si o limite territorial infinito e sempre duradouro desde a energia até lá, e até este mundo suprimindo a promessa para o louvor salvífico.... Portanto, não existe lá diferença em relação aos outros, não existe permutabilidade lá, mas todos pensam uma *só coisa*, e uma é a prognose de todos: o Pai é uma mente para eles, uma sensação que opera através deles, o mesmo eros é o filtro para os outros, operando uma harmonia entre todos. **15** Assim, certamente, louvemos a Deus. Mas, de fato, desçamos também para os que receberam o centro dele, pois se deve, começando a partir dos reis e ensaiando a partir destes, também agora se acostumar aos encômios e a cantar hino à piedade ao Todo-Poderoso, e ensaiar primeiramente o início dos louvores a partir dele, exercitar o ensaio por causa dele, para que, em nós, seja também o exercício da piedade para com Deus e o louvor para com o rei; **16** Pois se deve também a estes devolver os responsos, a eles que nos estenderam uma boa colheita de tão grande paz. Somente a virtude e o nome do rei regem a paz; por isso, rei é dito *basileus* (*em grego*), já que se apoia com base leve (*basis leia*) e com liderança e domina o discurso para a paz, e porque nasceu para ser mais poderoso do que o reino bárbaro, assim, também, o nome é símbolo de paz, por isso, também a acusação ao rei muitas vezes de ter nascido para afugentar o inimigo, mas, de fato, outrossim, as estátuas dele, particularmente, vêm a ser portos de paz aos atribulados; e agora também apenas o ícone do rei aparecendo levantou a paz, e a quietude e a invulnerabilidade se asseguram aos habitantes (*Corpus Hermeticum*, 18, 11-16, tradução própria).¹

¹ **11** ἀλλὰ σπεύδει ὁ λόγος εἰς ἀρχὰς καταλῦσαι τὸ τέρμα, καὶ εἰς εὐφημίαν τοῦ κρείττονος, ἔπειτα δὲ καὶ τῶν

O *Corpus Hermeticum* é uma coletânea de dezessete tratados escritos em grego *koinē* alexandrino, produzidos no Egito helenístico, sob domínio romano, entre os séculos I e IV da Era Comum. Devido ao seu conteúdo fortemente influenciado por uma filosofia religiosa, essa coleção se insere nos esquemas filosófico-religiosos que caracterizam os *Hermetica* (Lira, 2015, p. 79, 81-84, 103; Lira, 2023, p. 59, 79).

O *Corp. Herm.* 18 apresenta uma parte de um tratado retórico ou de um panegírico escrito no Egito helenístico, sob domínio romano, entre os séculos III e IV E.C. (Scott, 1985, p. 465). Segundo Aristóteles, o panegírico é um discurso com aspectos encomiásticos e laudatórios (Aristóteles, *Rhetorica* 1, 9, 1367b.28-1368a.37). Frequentemente, os pesquisadores classificam este texto como um pseudotratado hermético, ou seja, um tratado de natureza não hermética, cujo autor seria um panegirista desconhecido, sem qualquer vínculo com Hermes ou seus discípulos, e que, portanto, não pode ser considerado um hermetista. Ele é considerado “hermético” apenas por integrar a mesma

θειοτάτων βασιλέων τῶν εἰρήνην ἡμῖν βραβευόντων περατῶσαι τὸν λόγον. ὥσπερ γὰρ ἐκ τοῦ κρείττονος καὶ τῆς ἄνω δυνάμεως ἡρξάμεθα, οὕτως εἰς αὐτὸ πάλιν τὸ κρείττον ἀντανakλάσομεν τὸ πέρας· καὶ ὥσπερ ὁ ἥλιος τρόφιμος ὢν πάντων τῶν βλαστημάτων αὐτὸς πρῶτος ἀνασχὼν τῶν καρπῶν τὰς ἀπαρχὰς καρποῦται χερσὶ μεγίσταις ὥσπερ εἰς ἀπόδρεψιν τῶν καρπῶν χρώμενος ταῖς ἀκτίσι καὶ χεῖρες αὐτῷ αἱ ἀκτῖνες τὰ τῶν φυτῶν ἀμβροσιωδέστατα πρῶτον ἀποδρεπόμεναι, οὕτω δὴ καὶ ἡμῖν ἀπὸ τοῦ κρείττονος ἀρξαμένοις καὶ τῆς ἐκείνου σοφίας τὴν ἀπόρροιαν δεξαμένοις καὶ ταύτην εἰς τὰ ἡμέτερα τῶν ψυχῶν ὑπερουράνια φυτὰ καταχρωμένοις, πάλιν εἰς αὐτὸ γυμναστέον τὰ τῆς εὐφημίας, ἥς αὐτὸς ἡμῖν ἐπομβρήσει τὴν βλάστην ἅπασαν.

12 θεῷ μὲν <οὖν> πανακηράτῳ καὶ πατρὶ τῶν ἡμετέρων ψυχῶν πρὸς μυρίων στομάτων καὶ φωνῶν τὴν εὐφημίαν ἀναφέρεισθαι πρέπει, καὶ εἰ μὴ τὸ πρὸς ἄξιαν ἔστιν εἰπεῖν ἐφαμίλλους οὐκ ὄντας τῷ λέγειν, οὐδὲ γὰρ οἱ ἀρτιγενεῖς ὄντες τὸν πατέρα πρὸς ἄξιαν ὑμνεῖν ἔχουσι· τὰ δὲ κατὰ δύναμιν αὐτοῖς πρεπόντως ἀποδιδόασιν καὶ συγγνώμην ἔχουσιν ἐνταῦθα· μᾶλλον δὲ αὐτὸ τοῦτο εὐκλεία τῷ θεῷ, τὸ μείζονα αὐτὸν εἶναι τῶν ἑαυτοῦ γεννημάτων καὶ τὰ προοίμια καὶ τὴν ἀρχὴν καὶ μεσότητα καὶ τέλος τῶν εὐφημιῶν τὸ ὁμολογεῖν τὸν πατέρα ἀπειροδύναμον καὶ ἀπειροτέρμονα.

13 οὕτως δὲ καὶ τὰ βασιλέως, φύσει γὰρ ἡμῖν τοῖς ἀνθρώποις, ὥσπερ ἐκγόνοις ἀπ’ ἐκείνου τυγχάνουσι, τὰ τῆς εὐφημίας ἔνεστιν, αἰτητέον δὲ τὰ τῆς συγγνώμης, εἰ καὶ τὰ μάλιστα ταῦτα πρὸ τῆς αἰτήσεως παρὰ τοῦ πατρὸς τυγχάνει· ὥσπερ καὶ τοὺς ἀρτιτόκους καὶ ἀρτιγενεῖς οὐχ ὅπως ἔστι τῆς ἀδυναμίας ἀποστρέφεσθαι τὸν πατέρα, ἀλλὰ καὶ χαίρειν ἐπὶ τῆς ἐπιγνώσεως, οὕτως δὲ καὶ ἡ γνώσις τοῦ παντός, ἥπερ ζῶν πᾶσι πρυτανεύει καὶ τὴν εἰς θεὸν εὐφημίαν, ἣν ἡμῖν ἐδωρήσατο †... **14** ὁ θεὸς γὰρ, ἀγαθὸς ὑπάρχων καὶ ἀειφεγγής καὶ ἐν αὐτῷ διαπαντός τῆς οἰκείας ἀειπρεπείας ἔχων τὸ πέρας, ἀθάνατος δὲ ὢν καὶ ἐν ἑαυτῷ τὴν ἀτελευτήτην λῆξιν περιέχων καὶ διαπαντός ἀένναος ἀπὸ τῆς ἐκείσε ἐνεργείας καὶ εἰς τόνδε τὸν κόσμον παρέχων τὴν ἐπαγγελίαν εἰς διασσωστικὴν εὐφημίαν.... οὐκ ἔστιν οὖν ἐκείσε πρὸς ἀλλήλους διαφορά, οὐκ ἔστι τὸ ἀλλοπρόσαλλον ἐκείσε, ἀλλὰ πάντες ἐν φρονούσι, μία δὲ πάντων πρόγνωσις, εἰς αὐτοῖς νοῦς ὁ πατήρ, μία αἴσθησις δι’ αὐτῶν ἐργαζομένη, τὸ εἰς ἀλλήλους φίλτρον ἔρω· ὁ αὐτὸς μίαν ἐργαζόμενος ἁρμονίαν τῶν πάντων. **15** οὕτω μὲν δὴ τὸν θεὸν εὐφημήσωμεν. ἀλλὰ δὴ καταβαίνωμεν καὶ ἐπὶ τοὺς δεξαμένους παρ’ ἐκείνου τὰ σιγήπτρα, δεῖ γὰρ ἀπὸ βασιλέων ἀρξαμένους καὶ ἀπὸ τούτων ἀσκουμένους καὶ ἤδη συνεθίζειν ἑαυτοὺς εἰς ἐγκώμια καὶ ὑμνεῖν τὴν πρὸς τὸ κρείττον εὐσέβειαν, καὶ τὴν μὲν πρώτην καταρχὴν τῆς εὐφημίας ἀπὸ τούτου ἐνασκεῖν, τὴν δὲ ἄσκησιν διὰ τούτου γυμνάζειν, ἵνα ἐν ἡμῖν ἡ καὶ ἡ γυμνασία τῆς πρὸς τὸν θεὸν εὐσεβείας καὶ ἡ πρὸς τοὺς βασιλεῖς εὐφημία· **16** δεῖ γὰρ καὶ τούτοις ἀποδιδόναι τὰς ἀμοιβὰς, τοσαύτης ἡμῖν εἰρήνης εὐετηρίαν ἀπλώσασιν. βασιλέως δὲ ἀρετὴ καὶ τοῦνομα μόνον εἰρήνην βραβεύει· βασιλεὺς γὰρ διὰ τοῦτο εἰρήται, ἐπειδὴ βάσει λεία καὶ κορυφαϊότητι κατεπεμβαίνει καὶ τοῦ λόγου τοῦ εἰς εἰρήνην κρατεῖ, καὶ ὅτι γε ὑπερέχειν πέφυκε τῆς βασιλείας τῆς βαρβαρικῆς, ὥστε καὶ τοῦνομα σύμβολον εἰρήνης, τοιγάρτοι καὶ ἐπηγορία βασιλέως πολλὰκις εὐθὺς τὸν πολέμιον ἀναστέλλειν πέφυκεν. ἀλλὰ μὴν καὶ οἱ ἀνδριάντες οἱ τούτου τοῖς μάλιστα χειμαζόμενοι ὄρμοι τυγχάνουσιν εἰρήνης· ἤδη δὲ καὶ μόνη εἰκὼν φανεῖσα βασιλέως ἐνήργησε τὴν νίκην, καὶ τὸ ἄτρομόν τε καὶ ἄτρωτον προὔξενησε τοῖς ἐνοικοῦσιν (*Corp. Herm.*, 18, 11-16).

coletânea de tratados herméticos, tendo sido incluído no *Corpus* por imperícia redacional. Os estudiosos argumentam que o tratado carece de conteúdo teológico, escatológico ou místico, ou que, na melhor das hipóteses, traduz apenas algumas sugestões herméticas (Scott, 1985, p. 461; Van Den Broek, 2006, p. 497; Hanegraaff, 2022, p. 140; Nock; Festugière, 2011, p. 244; Moreschini, 2011, p. 180; González Blanco, 1973, p. 354-355; Filoramo, 2002, p. 669; Van den Kerchove, 2012, p. 148; Fowden, 1993, p. 8-9; Lira, 2015, p. 73).

A inclusão do *Corp. Herm.* 18 na coletânea pode ser explicada pelo seu valor como ferramenta instrucional de composição e ficção, fornecendo indícios de retórica, lógica e dialética – elementos amplamente empregados por autores herméticos em diversos tratados. Essa peça retórica contém os mesmos recursos de confecção (ficção e composição) presentes em muitos textos herméticos, como o uso excessivo de palavras compostas *hapax legomena*, explicações *paretimológicas* e esquemas de relações proposicionais.

Há, de fato, um contexto histórico-cultural que pode explicar esses fenômenos. Na Antiguidade, Alexandria, no Egito, assim como outros centros culturais helenísticos, foi um polo fundamental para o desenvolvimento dos estudos gramaticais. A partir do século I a.E.C., o treinamento retórico padrão consistia, em grande parte, na tentativa de reproduzir modelos clássicos. O vocabulário e as figuras de linguagem ensinados não eram, necessariamente, inovadores, pois os gramáticos (γραμματικοί ou *grammatici*) já haviam introduzido esses princípios aos aprendizes. Os gramáticos alexandrinos não se limitavam à leitura e exegese dos clássicos; seu objetivo era também purificá-los, com base em critérios rigorosos. Para isso, explicavam os significados das palavras, preocupavam-se com a grafia e as flexões e aplicavam princípios de analogia e identidade sonora. Em última análise, pode-se afirmar que seu método era profundamente prático e voltado para a sistematização da língua e da literatura (Nock, 1972, p. 647; Neves, 2005, p. 117-118; Giordani, 2012, p. 350-351; 353; 365).

O grego do *Corp. Herm.* e dos tratados herméticos em geral é *aticizante* (ou *aticista*). Esse termo refere-se a um grego helenístico ou *koinē* que seguia os padrões literários do grego clássico, especificamente o ático dos autores dos séculos IV e V a.E.C. (Lira, 2023, p. 79; Lira, 2021, p. 20; Lira, 2015, p. 97; McLean, 2014, p. 7; Johnson, 2009, p. 84-85; Mahé, 2005, p. 3940; Fowden, 1993, p. 213; Dodd, 2005, p. 11; Schmid, 1964, *passim*).

Arthur Darby Nock destacou a necessidade de um estudo aprofundado sobre a influência das teorias gramaticais e retóricas nos escritos herméticos. O trecho do *Corp. Herm.* 18 (11-16) exemplifica esse fenômeno ao empregar diversas palavras *hapax legomena*, compostas e derivadas, demonstrando o refinamento linguístico, característico da tradição retórica helenística.

Portanto, a influência dos *grammatici* e *rhētores* no *Corp. Herm.* 18 revela uma interseção entre a tradição hermética e o ensino retórico da Antiguidade. Essa interseção não apenas contribui para a compreensão do tratado, mas também amplia a análise da composição e transmissão dos *Hermetica* ao longo dos séculos.

A inclusão e a controvérsia do *Corp. Herm.* 18 como texto hermético

Os tratados do *Corp. Herm.* 16, 17 e 18 correspondem às *Diffinitiones Asclepii ad regem Ammonem* (na Renascença, eram considerados como um único tratado), encontrados pelo poeta italiano Ludovico Lazzarelli (1447–1500) e traduzidos para o latim por ele. Não se sabe ao certo se esses três escritos faziam parte originalmente da coletânea ou se foram acrescentados posteriormente. Contudo, existe uma clara distinção entre esses tratados e o restante do *Corp. Herm.* (Scott, 1985, p. 17-19; 34-35; Faivre, 2006, p. 535; Moreschini, 2011, p. 180-181; Moreschini, 2005, p. 55; Hanegraaff, 2005, p. 57-58; Copenhaver, 2009, p. 211; Lira, 2015, p. 81-84, 103; Van Den Broek, 2006, p. 497).

O título original do *Corp. Herm.* 18 foi perdido. O cabeçalho, que atualmente serve como título, περὶ τῆς ὑπὸ τοῦ πάθους τοῦ σώματος ἐμποδιζομένης ψυχῆς, pode ser inadequado (Scott, 1985, p. 465). Esse título pode ter sido uma adição redacional ou ser mais adequado aos primeiros seis parágrafos do tratado. O segundo título, περὶ εὐφημίας τοῦ κρείττονος, καὶ ἐγκώμιον βασιλέως, encontrado antes do § 11, parece ser mais apropriado e está em consonância com o tema geral do tratado (Nock; Festugière, 2011, p. 244).

Assim, o *Corp. Herm.* 18 (1-10) não é um panegírico ou encômio propriamente dito, mas uma introdução ao que pode ocorrer durante um concurso musical, embora se insira também no âmbito da retórica. Já o *Corp. Herm.* 18 (11-16) trata-se, sem dúvida, de um epílogo ou peroração de um discurso retórico ou panegírico, que, no entanto, não está presente no tratado como um todo. De fato, é impossível negar que, ao menos em parte, esse tratado contém um epílogo que faz referência a um gênero retórico, como o panegírico, a apologia ou a eulogia (elogio). Em última análise, pode ter sido o epílogo de um discurso longo, solene, formal e persuasivo, ou até moralizante, como se chama no francês *harangue* (Scott, 1985, p. 479; Copenhaver, 2000, p. 212; Filoramo, 2002, p. 669; Willoughby, 1929, p. 197; Festugière, 2014, p. 508; Festugière, 1942, p. 87; Van den Kerchove, 2012, p. 65-67; Moreschini, 2011, p. 180-181; Moreschini, 2005, p. 55; Fowden, 1993, p. 8-9; Reitzenstein, 1904, p. 371-374).

Wouter Hanegraaff (2022, p. 140) exclui completamente o *Corp. Herm.* 18 de sua 'ordenação circular dos *Hermetica* espirituais', classificando-o como uma peça de louvor

retórico, sem qualquer conexão clara com os demais tratados, nem menção a Hermes ou seus discípulos. Por isso, ele o considera de natureza *non-Hermetic*.

Assim, para esses estudiosos, o *Corp. Herm.* 18 não deveria ser necessariamente considerado um tratado hermético, seja do ponto de vista formal, devido ao seu caráter instrutivo e retórico, seja em termos de conteúdo, por conta de sua anfibia piedosa, ou ainda em relação à *dramatis persona*. Talvez muitos desses pesquisadores tenham esperado encontrar, no *Corp. Herm.* 18, uma *teologização* da filosofia ou de elementos retóricos (Kroll, 1914, p. 327), um conteúdo místico ou escatológico, ou mesmo uma iniciação mediada por Hermes, *Nous* e o tradicional diálogo entre mestre e discípulos. No entanto, nada disso está presente nesse tratado.

Que o *Corp. Herm.* 18 não pode ser considerado um tratado hermético em termos de conteúdo e personagens é um ponto pacífico. Trata-se, na verdade, de um anexo panegírico do *Corp. Herm.* (Nock, 1972, p. 26). No entanto, sua inclusão na coletânea não se deve, necessariamente, a um conteúdo hermético explícito, mas ao fato de funcionar como uma ferramenta instrucional de composição e ficção, fornecendo indícios de retórica, lógica e dialética – elementos amplamente empregados por autores herméticos em diversos tratados. Esses fenômenos são notórios em todos os tratados do *Corp. Herm.* e também nos *Stobæi Hermetica*. Assim, a correlação entre os tratados pode justamente evidenciar essas características compartilhadas (Nock, 1972, p. 647-648; 651).

Desde tempos remotos, os gregos reconheceram o poder de sua língua, caracterizada pela facilidade e flexibilidade na criação de palavras compostas. Eles tinham ampla liberdade para escolher, criar e cunhar novos termos a fim de estruturar sentenças e produzir efeitos estilísticos. Esse processo de composição não se restringia ao uso de prefixos e sufixos, mas envolvia a fusão de duas ou mais palavras para formar *verba nova*. Esse fenômeno estava diretamente ligado ao ensino retórico, que incentivava tanto a criação lexical quanto o enriquecimento do vocabulário (Nock, 1972, p. 642-645; Giordani, 2012, p. 365; Störig, 2006, p. 75-76; Ragon, 2012, p. 164-166).

Já no século II E.C., surgiram os aticistas, que empregavam, frequentemente, arcaísmos, palavras compostas e construções sofisticadas. Durante o reinado do imperador Adriano (76-138 E.C.), apelidado de *Græculus* ("Greguinho"), houve um esforço significativo para coletar e editar obras gregas, marcando o auge da Segunda Sofística. Esse movimento intelectual levou as elites a adotarem uma cultura mais exclusivista e erudita. Nesse contexto, os grupos sociais abastados gregos passaram a empregar o

dialeto ático arcaico, afastando-se, pelo menos em parte, do grego *koinē*, considerado mais popular e cotidiano (Sawyer, 2002, p. 32-33).²

O aticismo: influência dos *grammatici* e *rhētores* no *Corp. Herm.* 18 (11-16)

De acordo com Wilhelm Schmid (1964, p. 730),

A literatura *koinē* do início da era imperial era uma entidade híbrida: profundamente impregnada pela influência da linguagem coloquial viva em sua sintaxe e formação de palavras, ainda buscava, porém, assemelhar-se à prosa ática em sua morfologia e fraseologia. No entanto, em nenhum momento conseguiu uma distinção clara entre as esferas de influência de seus dois componentes: quem a observasse do ponto de vista da linguagem coloquial a acharia antiquada devido aos ornamentos áticos, enquanto quem a considerasse sob a ótica da prosa ática a encontraria fortemente corrompida por seus vulgarismos (tradução própria).³

Um dos recursos mais utilizados pelos *rhētores* era, justamente, a composição de palavras (Schmid, 1964, *passim*). Arthur Darby Nock observa que esse fenômeno, no *Corp. Herm.*, merecia um estudo mais aprofundado. Além disso, ainda há muito a se explorar sobre a influência das teorias gramaticais e retóricas durante o Império Romano. Nock também destaca que os escritores herméticos e seus contemporâneos estavam familiarizados com essas teorias (Nock, 1972, p. 651). Um exemplo disso é o trecho do *Corp. Herm.* 18 (11-16), no qual aparecem palavras *hapax legomena*, algumas compostas e outras derivadas. De modo geral, trata-se de vocábulos raros, mas não inexistentes, conforme demonstrado abaixo (Lira, 2021b, *passim*; Lira, 2025, *passim*; Liddell; Scott, 1996, *passim*; Lira, 2023, p. 268-279):

ἀειπρέπεια – dignidade eterna (*Corp. Herm.* 18, 14).
 ἀειφειγής – sempre brilhante (*Corp. Herm.* 18, 14).
 ἄλλοπρόσαλλος – mutável, permutável, intercambiável, recíproco. τὸ ἄ. respeito entre as pessoas, respeito mútuo (*Corp. Herm.* 18, 14).
 ἀμβροσιώδης – ambrosial, fragrante (*Corp. Herm.* 18, 11).
 ἀναπέμπω – enviar (jogar) para cima; atribuir algo a alguém (*Corp. Herm.* 18, 12).
 ἀντανανάλω – refletir, fig. voltar a fazer referência (*Corp. Herm.* 18, 11).
 ἀπειροτέρμων – sem limite, ilimitado, característica de Deus (*Corp. Herm.* 18, 12).
 ἀπόδρεψις – remoção, colheita (*Corp. Herm.* 18, 11).
 διασωστικός – que salva, salvador, libertador (*Corp. Herm.* 18, 14).
 ἐνασχέω – afanar-se, cansar-se, fadigar-se (*Corp. Herm.* 18, 15).

² Sobre o grego ático, cf. Lira (2021 p. 25-26); Freire (2001, p. 255); Betts; Henry (2010, p. 9); Jay (1994, p. 1); Giordani (2012, p. 361). Sobre a Segunda Sofística ou os novos sofistas e o aticismo, cf. Reale (2008, p. 242); Anderson (1993, p. 85-99); Bowersock (1969, p. 16; 54); Nock (1972, p. 643); Schmid (1964, *passim*).

³ Die Litteratur-*κοινή* der beginnenden Kaiserzeit war ein Zwitterwesen: in Syntax und Wortbildung tief durchsetzt vom Einfluss der lebendigen Umgangssprache suchte sie doch in der Formenlehre und Phraseologie der attischen Prosa ähnlich zu sein, brachte es aber in keinem Stück zu einer klaren Abgrenzung der Wirkungskreise ihrer beiden Bestandteile: wer sich auf den Standpunkt der Umgangssprache stellte, musste sie um ihrer attischen Zierrate willen altfränkisch, wer sie vom Standpunkt der attischen Prosa betrachtete, um ihrer Vulgarismen willen stark verunreinigt finden (Schmid, 1964, p. 730).

κατεπεμβαίνω – plantar o pé de alguém firmemente sobre (*Corp. Herm.* 18, 16).
 κορυφαίότης – chefia, liderança, supremacia (*Corp. Herm.* 18, 16).
 πανακήρατος – totalmente incontaminado (*Corp. Herm.* 18, 12).

O termo ἀπειροτέρμων destaca-se pelo seu caráter pedante, uma escolha intencional do autor em detrimento de ἀπειροδύναμος (Nock, 1972, p. 651). De fato, tanto o *Corp. Herm.* quanto os *Stobæi Hermetica* estão repletos de palavras compostas, muitas das quais são *hapax legomena*. Isso indica que a criação de neologismos não é uma característica exclusiva do panegirista do *Corp. Herm.* 18. A seguir, alguns exemplos ilustrativos desse fenômeno (Nock, 1972, p. 645; 650; Lira, 2021b, *passim*; Lira, 2025, *passim*; Liddell; Scott, 1996, *passim*; Lira, 2023, p. 272-280):

ἀπανθρωπίζομαι – fazer-se homem (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 69; *Stob. Herm.*, 26, 20).
 ἀπιχθυόομαι – vir a ser peixe (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 69; *Stob. Herm.*, 26, 23).
 ἀποστολεὺς – guia, acompanhante (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 69; *Stob. Herm.*, 26, 3).
 δαιδαλουργία – arte de esculpir, trabalho curioso (*Corp. Herm.*, 3, 3).
 ἐλλόγιμος = ἔλλογος, racional, possuído de λόγος (*Corp. Herm.*, 12, 6).
 ἐναρίθμιος – regido pelo número (*Corp. Herm.*, 3, 4).
 ἐναρμόνιος – dentro da estrutura (*Corp. Herm.*, 1, 15).
 ἐνδιάθετος – interno, interior, referente ao homem e não ao λόγος (*Corp. Herm.*, 13, 7).
 ἐνθουσιάζω – inspirar(-se) (*Stob. Herm.*, 23, 4, 18; *Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 44 codd).
 ἔννους – com o *Nous* (*Corp. Herm.*, 1, 18).
 ἔνσπορος = ἔνσπερμος, germinal, seminal (*Corp. Herm.*, 3, 1, 3).
 μετροποιέω – fazer sob medida, metrificar (*Herm. ap. Stob.*, 49, 69, v. *pas.*).
 νοηματικός – conceitual racional, νοητικός (*Herm. ap. Stob.*, 2, 8, 31; 1, 41, 11, s.v.l.).
 παραθεμιστεύω – transgredir uma lei (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 45).
 παραχαράσσω – fazer bom uso do fogo (*Stob. Herm.*, 23, 56).
 περικύκλιον – periferia, (*Corp. Herm.*, 3, 2b codd).
 προσμοιράζω – designar (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 44).
 σκιαγραφία – adumbração, esboço rude e rápido (*Corp. Herm.*, 6, 4).
 ψυχοταμίας – guardião das almas (*Herm. ap. Stob.*, 1, 49, 69).

Isso não significa que a composição de palavras e o uso de arcaísmos fossem aceitos sem críticas ou rejeições. No entanto, o emprego de termos simples muitas vezes não era suficiente. Em certos contextos, especialmente no âmbito religioso, a composição de palavras tornava-se necessária para gerar um efeito de solenidade e reforçar a sensação de ritualização, criando uma impressão cumulativa e impactante (Nock, 1972, p. 647; 650-651; Chlup, 2007, *passim*).

Ao tentar justificar a inconsistência da literatura hermética em relação ao raciocínio grego, André-Jean Festugière (2014, p. 505) argumentou que os escritos herméticos eram obra de pseudointelectuais—amadores da filosofia que tentavam imitar os gregos tanto no pensamento quanto na originalidade e profundidade, mas falhavam nesse esforço, evidenciando contradições (Van den Kerchove, 2012, p. 8-9; Chlup, 2007, p. 134; Lira,

2023, p. 99). No entanto, ainda que essa perspectiva sugira uma visão depreciativa, os textos herméticos revelam mais sobre o nível cultural de seus autores e leitores do que se pode imaginar. Embora estudiosos como Festugière considerem o pensamento hermético ingênuo e medíocre, é inegável que seus textos filosóficos apresentam uma linguagem mais elaborada e, frequentemente, demonstram uma aproximação e familiaridade com os textos clássicos e intelectuais, sobretudo por meio de uma teoria retórica (Fowden, 1993, p. 160).

Em última análise, é possível considerar que os autores herméticos tiveram contato com textos filosóficos e, provavelmente, receberam uma educação retórica, equivalente ao que hoje seria o nível médio de ensino. Essa formação ocorreu em interação com os *grammatici* – que poderiam ser comparados aos professores do ensino secundário atual – sem que, no entanto, esses autores, necessariamente, se tornassem retóricos profissionais ou filósofos (Fowden, 1993, p. 160; Nock, 1972, p. 647; Neves, 2005, p. 117-118; Giordani, 2012, p. 350-351). Pode-se inferir que eles possuíam conhecimento da teoria retórica da composição de palavras, influenciados tanto pelo ensino dos gramáticos da época quanto pela nova tendência retórica introduzida pela Segunda Sofística (Nock, 1972, p. 643, 651).

As ocorrências de palavras compostas no *Corp. Herm.* 18 e nos demais tratados evidenciam que os autores seguiam os mesmos princípios, teoria e aplicabilidade da retórica. Todos os textos reproduzem um *aticismo* comum aos poetas e *rhētores* do período de dominação romana (Schmid, 1964, *passim*).⁴ Diante do exposto, fica evidente que a linguagem do *Corp. Herm.* reflete um processo híbrido, no qual o grego *koinē* sofre influências do *aticismo* e da teoria retórica vigente no período imperial romano. A composição de palavras e o uso de termos *hapax legomena* demonstram não apenas uma busca pela erudição, mas também um esforço em conferir solenidade e impacto religioso aos textos. Embora autores como Festugière critiquem a inconsistência filosófica dos escritos herméticos, a presença de uma linguagem sofisticada sugere um nível de instrução que, ainda que não fosse o de filósofos ou retóricos profissionais, permitia a esses escritores uma considerável familiaridade com as tradições intelectuais gregas. Assim, a análise linguística do *Corp. Herm.* não apenas revela aspectos da formação de seus autores, mas também lança luz sobre o contexto educacional e cultural em que esses textos foram produzidos e transmitidos. Em última análise, resta entender em que consiste as explicações *paretimológicas* no *Corp. Herm.* 18 (16) e qual é sua origem.

⁴ Existem outros aticismos comuns entre o *Corp. Herm.* 18 e outros tratados, como, por exemplo, empregar a κρείττον com ττ ao invés de empregar σσ (Morwood; Taylor, 2002, p. xi).

Conclusão: retórica e *paretimologia* no *Corp. Herm.*

βασιλέως δὲ ἀρετὴ καὶ τοῦνομα μόνον εἰρήνην βραβεύει· βασιλεὺς γὰρ διὰ τοῦτο εἴρηται, ἐπειδὴ βάσει λεία καὶ κορυφαιότητι κατεπεμβαίνει καὶ τοῦ λόγου τοῦ εἰς εἰρήνην κρατεῖ [...]

Somente a virtude e o nome do rei regem a paz; por isso, rei é dito *basileus* (**em grego**), já que se apoia com base leve (***basis leia***) e com liderança e domina o discurso para a paz [...] (*Corp. Herm.*, 18, 16, tradução própria).

No *Corp. Herm.* 18 (16), há uma tentativa de associar o nome do rei e sua virtude à garantia e manutenção da paz. O texto afirma que βασιλεὺς [*basileus*] é assim chamado porque se apoia com βάσις λεία [*basis leia*], ou seja, uma “base leve”. Essa expressão, no entanto, não passa de um trocadilho com βασιλεία [*basileia*], que significa “reino” ou “reinado”.⁵ Não há nenhuma garantia de que essa expressão seja a verdadeira origem etimológica do termo *basileus* (Μπαμπινιώτης, 2011, p. 350-351).

Mais do que a etimologia em si, o que dá significado ao nome das coisas é a relação entre seu papel e o contexto em que se insere. O panegirista evidencia que o rei domina a razão e a persuasão, impondo-se pelo argumento, e não pela força. Seus passos não podem ser pesados demais, pois é pela maestria do discurso que ele assegura a paz (Scott, 1985, p. 476-477).

O autor emprega um recurso retórico *paretimológico*, semelhante ao que Platão utiliza no diálogo *Crátilo* (Rossetti, 2006, p. 387). Em *Crátilo*, Platão propõe etimologias muitas vezes fantasiosas, mas sua intenção não é validar a origem exata dos nomes, e sim destacar a ideia fundamental subjacente a eles. Segundo essa visão, o nome não é arbitrário, mas deve ter uma *justeza* e uma *medida adequada*. Nem todos podem nomear as coisas corretamente, pois nomear exige conhecimento e discernimento (Neves, 2005, p. 50).⁶

No *Corp. Herm.* 18 (16), o mestre retórico assume o papel do verdadeiro dialético que sabe nomear e denominar os seres e as coisas, como Platão sugere em *Crátilo*. O nome não é apenas um instrumento de designação, mas também uma imagem, algo mimético, ainda que o ser nomeado nunca seja totalmente idêntico à imagem que o representa. O significado depende da relação entre a coisa nomeada e sua adequação à imagem (Neves, 2005, p. 48-58).⁷

⁵ Todos os manuscritos apresentam a *lectio* τῇ βασιλείᾳ. Reitzenstein corrigiu para βάσει λεία (Reitzenstein, 1904, p. 360), sendo acatada a sugestão por Walter Scott e Arthur Darby Nock (Scott, 1985, p. 476-477; Nock; Festugière 2011, p. 255). Cf. Copenhagen (2000, p. 213).

⁶ Platão (*Cratylus*, 390b-c).

⁷ Platão (*Crat.*, 388a-389a, 390c, 430a-e).

Assim, o texto descreve o nome βασιλεύς (*basileus*) como um símbolo da paz (τοῦνομα σύμβολον εἰρήνης). Apenas sua imagem já é suficiente para que a vitória se manifeste (μόνη εἰκὼν φανεῖσα βασιλέως ἐνήργησε τὴν νίκην).

O *Corp. Herm.* 18 representa um caso singular dentro da coletânea hermética, sendo amplamente debatido quanto à sua legitimidade como um tratado verdadeiramente hermético. Sua estrutura e conteúdo revelam uma influência significativa da retórica helenística, particularmente no uso de palavras compostas, *hapax legomena* e construções sofisticadas. Essa caracterização indica não apenas a interseção entre a tradição hermética e o ensino retórico da Antiguidade, mas também a importância dos *grammatici* e *rhētores* na formação da literatura do período.

A discussão sobre sua inclusão na coletânea hermética pode ser compreendida sob duas perspectivas principais: a primeira sugere que sua presença se deve a um erro redacional, enquanto a segunda aponta para seu valor como ferramenta instrucional, refletindo os métodos composicionais amplamente empregados em outros tratados herméticos. A utilização de técnicas retóricas não apenas demonstra um refinamento linguístico, mas também sugere que os autores herméticos estavam familiarizados com a educação gramatical e retórica daquele contexto.

O estudo da retórica helenística no *Corp. Herm.* 18 abre caminhos para uma compreensão mais aprofundada das práticas literárias da Antiguidade Tardia, mostrando que a produção hermética não estava isolada das influências intelectuais mais amplas de seu tempo. A análise da interação entre os ensinamentos herméticos e os princípios retóricos permite, portanto, uma abordagem mais abrangente sobre a transmissão e composição dos textos herméticos, ressaltando sua complexidade e sofisticação estilística.

Dessa forma, a inclusão do *Corp. Herm.* 18 na coletânea não deve ser vista apenas como um acidente editorial, mas como um reflexo da interseção entre literatura, retórica e filosofia no Egito helenístico sob domínio romano. O estudo de sua influência retórica não apenas esclarece questões sobre sua composição, mas também contribui para uma visão mais ampla da tradição hermética e de seu lugar dentro do universo intelectual da Antiguidade.

Referências

Documentação textual

ARISTOTLE. *Ars Rhetorica*. Edited by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959.

- HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A. D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. Paris: Les Belles Lettres, 2011. 2t.
- HERMETICA. *The ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1.
- HERMETICA. *The ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Notes on the Corpus Hermeticum by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 2.
- HERMETICA. *The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius*. Translated by Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000.
- PLATO. *Cratylus; Parmenides; Greater Hippias; Lesser Hippias*. With an English translation by H. N. Fowler. London: Harvard University Press, 1939. v. 4.

Obras de referência

- BETTS, G.; HENRY, A. *Complete Ancient Greek*. London: Hodder and Stoughton, 2010.
- FILORAMO, G. Hermetism. In: DI BERARDINO, A. (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 669-670.
- FREIRE, A. S. J. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JAY, E. G. *New Testament Greek: an introductory grammar*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1994.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English lexikon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MCLEAN, B. H. *Hellenistic and biblical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- MORWOOD, J.; TAYLOR, J. *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- NEVES, M. H. M. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- RAGON, E. *Gramática grega*. São Paulo: Odysseus, 2012.

Obras de apoio

- ANDERSON, G. *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*. London: Routledge, 1993.
- BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BOWERSOCK, G. W. *Greek sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969.

- CHLUP, R. The ritualization of language in the Hermetica. *Aries*, v. 7, n. 2, p. 133-159, 2007.
- COPENHAVER, B. P. A grand end for a grand narrative: Lodovico Lazzarelli, Giovanni Mercurio da Correggio and Renaissance Hermetica. *Magic, Ritual, and Witchcraft*, v. 4, n. 2, p. 207-223, 2009.
- COPENHAVER, B. P. Notes. In: HERMETICA. *The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius*. New York: Cambridge University Press, 2000, p. 93-260.
- DODD, C. H. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FAIVRE, A. Hermetic Literature IV: Renaissance-Present. In: HANEGRAAFF, W. J. (ed.). *Dictionary of gnosis and Western esotericism*. Leiden: Brill, 2006, p. 533-544.
- FESTUGIÈRE, A.-J. *Études D'Histoire et de Philologie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1975.
- FESTUGIÈRE, A.-J. *La révélation d'Hermès Trismégiste*. Paris: Les Belles Lettres, 2014.
- FESTUGIÈRE, A.-J. Le "logos" hermétique d'enseignement. *Revue des Études Grecques*, v. 55, p. 77-108, 1942.
- FOWDEN, G. *The Egyptian Hermes: a historical approach to late pagan mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- GIORDANI, M. C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GONZÁLEZ BLANCO, A. Misticismo y escatología en el *Corpus Hermeticum*. *Cuaderno de Filología Clásica*, n. 5, p. 313-360, 1973.
- HANEGRAAFF, W. J. *Hermetic spirituality and the historical imagination: altered states of knowledge in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- HANEGRAAFF, W. J.; BOUTHORN, R. M. *Lodovico Lazzarelli (1447-1500): the Hermetic writings and related documents*. Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2005.
- JOHNSON, L. T. *Among the Gentiles: Greco-Roman religion and Christianity*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- KROLL, J. *Die Lehren des Hermes Trismegistos*. Münster: Aschendorff Verlag, 1914.
- LIRA, D. P. A história da formação do *Corpus Hermeticum*. In: HERMES TRISMEGISTOS. *Corpus Hermeticum Græcum*. São Paulo: Cultrix, 2023, p. 59-68.
- LIRA, D. P. *Glossário dos Hermetica Græca*. João Pessoa: Ideia, 2025.
- LIRA, D. P. Glossário dos *Hermetica Græca*: pesquisa bibliográfica das ferramentas e das fontes secundárias de tradução. *Classica, Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 34, n. 2, p. 1-35, 2021.
- LIRA, D. P. *Grego antigo instrumental*. João Pessoa: Ideia, 2021.

- LIRA, D. P. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: uma introdução ao Hermetismo e ao Corpus Hermeticum*. Recife: Editora UFPE, 2015.
- MAHÉ, J.-P. Hermes Trismegistos. In: JONES, L. (ed.). *Encyclopedia of religion*. Detroit: Thompson, 2005, p. 3938-3944.
- MORESCHINI, C. *Hermes Christianus: the intermingling of Hermetic piety and Christian thought*. Turnhout: Brepols, 2011.
- MORESCHINI, C. L'ermetismo del Rinascimento da Marsilio Ficino a Ludovico Lazzarelli. *Aries*, v. 5, n. 1, p. 33-60, 2005.
- NOCK, A. D. *Essays on religion and the Ancient World*. Cambridge: Harvard University Press, 1972. v II.
- NOCK, A. D.; FESTUGIÈRE, A.-J. Apparat Critique. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 1 e 2.
- NOCK, A. D; FESTUGIÈRE, A.-J. Préface et Introduction. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Paris: Les Belles Lettres, 2011, p. I-LIII. t. 1 e 2.
- REALE, G. *História da Filosofia grega e romana*. São Paulo: Loyola, 2008.
- REITZENSTEIN, R. *Poimandres: Studien zur Griechisch-Ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. Unveränderter anastatischer nachdruck. Leipzig: B.G. Teubner, 1904.
- ROSSETTI, L. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SAWYER, J. F. A. *Sacred languages and sacred texts*. London: Routledge, 2002.
- SCHMID, W. *Der Atticismus in seinen Hauptvertretern: von Dionysius von Halikarnass bis auf den zweiten Philostratus*. Hildesheim: Olms, 1964.
- SCOTT, W. Introduction. In: HERMETICA. *The ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Boston: Shambala Publications, 1985, p. 1-111. v. I.
- SCOTT, W. Notes on the Corpus Hermeticum. In: HERMETICA. *The ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Boston: Shambala Publications, 1985, p. 1-482. v. II.
- STÖRIG, H. J. *A aventura das línguas: uma história dos idiomas do mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- VAN DEN BROEK, R. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, W. J. (ed.). *Dictionary of gnosis and Western esotericism*. Leiden: Brill, 2006, p. 487-498.
- VAN DEN BROEK, R. Hermetism. In: HANEGRAAFF, W. J. (ed.). *Dictionary of gnosis and Western esotericism*. Leiden: Brill, 2006, p. 558-570.
- VAN DEN KERCHOVE, A. *La voie d'Hermès: pratiques rituelles et traités hermétiques*. Leiden: Brill Academic Pub, 2012.

WILLOUGHBY, H. R. *Pagan regeneration: a study of Mystery Initiations in the Greco-Roman World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1929.

ΜΠΑΜΠΙΝΙΩΤΗ, Γ. Ετυμολογικό Λεξικό τής Νέας Ελληνικής Γλώσσας Ιστορία των Λέξεων. 2. έκ. Αθήνα: Κέντρο Λεξικολογίας, 2011.

ΤΖΑΡΤΖΑΝΟΣ, Αχιλλέας Α. Γραμματική της Αρχαίας Ελληνικής Γλώσσας. 15. έκ. Αθήναι: Οργανισμός Εκδόσεως Διδακτικών Βιβλίων, 1965.